



Tempo

ISSN: 1413-7704

secretaria.tempo@historia.uff.br

Universidade Federal Fluminense

Brasil

Buono Calainho, Daniela
Jesuítas e Medicina no Brasil Colonial
Tempo, vol. 10, núm. 19, diciembre, 2005, pp. 61-75
Universidade Federal Fluminense
Niterói, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=167013390005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

*Jesuítas e Medicina no Brasil Colonial**

*Daniela Buono Calainho***

O objetivo deste artigo é analisar a ação dos jesuítas na área da saúde no Brasil colonial. Os inicianos incorporaram esta tarefa aos árduos ideais missionários e educacionais, mantendo em seus colégios boticas e enfermarias e atuando informalmente como físicos, sangradores e até cirurgiões. A escassez de médicos, pelo menos até o século XVIII, o alto preço das drogas e dos remédios oriundos de Portugal e do Oriente e a sua freqüente deterioração nos navios e nos portos obrigaram-nos a se voltarem para os recursos naturais oferecidos pela terra e para os saberes curativos dos indígenas.

Palavras-chave: Jesuítas- Catequese- Medicina

The Jesuits and the Curative Arts in Colonial Brazil

This article considers the Jesuit action in the health domain and the healing arts in colonial Brazil. The curing hands of the Jesuits were a great anchor to colonial health. Since the beginning of its establishment and organization, the Company of Jesus in Brazil have incorporated this task among its arduous missionary and educational goals by keeping pharmacies and infirmaries in its colleges. The scarcity of licensed physicians trained in the medical schools of Europe, at least until the eighteenth century, the high price of drugs and remedies coming from Portugal and the East, and their frequent deterioration en route on merchant ships and in port warehouses, obliged the colonial physicians to revert to local natural resources and to the healing knowledge of the indigenous people.

Key words: Jesuits – Medicine – Christianity

* Artigo recebido em fevereiro de 2005 e aprovado para publicação em abril de 2005.

** Professora Adjunta do Departamento de Ciências Humanas da UERJ-FFP. E-mail: calainho@globol.com

Tempo, Rio de Janeiro, nº 19, pp. 61-75

Les Jésuites et la médecine au Brésil colonial

Cet article analyse l'action des jésuites dans la médecine au Brésil colonial. Les ignaciens ont incorporé cette tâche à ses idéaux missionnaires et éducatifs en maintenant des pharmacies et des infirmeries dans leurs collèges, aussi que en agissant informellement en tant que physiciens, saigneurs et même chirurgiens. Le manque de médecins, du moins jusqu'au XVIII^e siècle, le prix excessif des drogues et des médicaments provenant du Portugal et d'Orient, bien que son habituelle détérioration dans les vaisseaux et dans les ports, les ont obligé à se tourner vers les ressources naturelles et les connaissances de la pharmacopée indienne.

Mots-clefs: Jésuites- Catéchèse-Médecine

Formada em 1540, por iniciativa de Inácio de Loyola, a Companhia de Jesus se configurou como uma ordem-modelo de um novo momento da cristandade na Europa. O início dos chamados Tempos Modernos foi de grande renovação espiritual, caracterizado por uma ofensiva da Igreja romana em deter o avanço protestante através da reafirmação de seus dogmas e sacramentos, da hierarquia eclesiástica, da disciplina do clero e do combate a resquícios de paganismo, superstições e comportamentos sexuais vistos como desviantes. Desenhava-se, assim, um amplo projeto de cristianização das massas, de reordenação social e moral, ancorado nos valores legitimamente cristãos, e a Companhia de Jesus surgia neste contexto¹.

Estabelecidos em Portugal, coube aos jesuítas a tarefa missionária e educacional em seus domínios ultramarinos, e sua ação na área da saúde integrou estes ideais, onde quer que se tenham fixado², atuando no tratamento de doenças e epidemias, fundando hospitais, estudando as plantas curativas da região e mantendo eficientes boticas e enfermarias em seus colégios na Europa, na África, no Oriente e no Brasil³.

¹ Ver Jean Delumeau, *El catolicismo de Lutero a Voltaire*, Barcelona, Labor, 1973, e, ainda, Michel Mullet, *A Contra-Reforma*, Lisboa, Gradiva, 1984.

² É vasta a bibliografia sobre os jesuítas no Brasil, da qual citemos o clássico de Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1938, 10 volumes.

³ Serafim Leite, *Serviços de saúde da Companhia de Jesus no Brasil (1544-1760)*, Lisboa, Typografia do Porto, 1956, p. 7. Merecem destaque as boticas dos colégios jesuítas no Oriente, especialmente em Goa e em Macau, bem como os missionários que para lá se dirigiram, hábeis nas artes médicas e, ao longo do tempo, grandes conhecedores das drogas medicinais da região. Ver o interessante estudo de Ana Maria Amaro, *Introdução da medicina ocidental em Macao e as receitas de segredo da botica do Colégio de São Paulo*, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1992.

Os grandes desafios que se impuseram aos portugueses recém-chegados à então Terra de Santa Cruz foram muitos, como a implantação de uma estrutura administrativa, a progressiva ocupação territorial, o assentamento dos colonos, a organização dos primeiros engenhos açucareiros e o enfrentamento de uma geografia, uma flora e uma fauna desconhecidas. Os jesuítas integraram-se ao esforço da travessia atlântica em direção às novas terras americanas. O primeiro Governador-Geral do Brasil, Tomé de Souza, trouxe consigo, em 1549, alguns inicianos, liderados por Manuel da Nóbrega, primeiro Provincial em terras coloniais. Verdadeiro estrategista da catequese, empenhou-se na organização dos aldeamentos para a conversão dos indígenas e na fundação, em 1553, do primeiro estabelecimento de ensino, o Colégio da Bahia, marcando, assim, os ideais que iriam desenvolver no Brasil: a atividade missionária e educacional. A incorporação espiritual do novo território foi missão fundamental a que se dispuseram os jesuítas, viabilizada pelo projeto catequético, expressão de uma vocação universal que caracterizou esta nova cristandade, a partir do século XV, com a expansão do missionarismo⁴.

Desbravadores da natureza indômita do Brasil quinhentista, os soldados da Companhia de Jesus enfrentaram duros desafios e árduas condições de subsistência: um clima instável, exércitos de insetos, animais selvagens, peçonhentos e mortíferos, como escorpiões, aranhas e cobras e ainda violentos ataques de grupos de nativos agressivos. Ao lado de um discurso edenizador acerca da natureza colonial, inspiradora de tantos encantamentos, descritos pelas penas de cronistas e viajantes, que louvaram à farta sua opulência e riquezas⁵, os terrores de se viver no Trópico foram também constantemente lembrados. Mas a grandiosidade do projeto missionário de conversão do gentio superaria as inúmeras dificuldades com que se depararam estes clérigos. A força destes ideais foi expressa por ninguém menos do que o Pe. Antônio Vieira, quando afirmara que “o português tem obrigação de

⁴ Luiz Felipe Baeta Neves, *O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1978, pp. 27-28.

⁵ Com um dos exemplos notáveis desta vertente brindou-nos o jesuíta Rocha Pita, para quem o Brasil, “melhor porção do Novo Mundo”, era “vastíssima região, felicíssimo terreno em cuja superfície tudo são frutos, em cujo centro tudo são tesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas”. Sebastião da Rocha Pitta, *História da América Portuguesa (1730)*, Lisboa, Editor Francisco Artur da Silva, 1880, pp. 1-2. Ver Laura de Mello e Souza, *O diabo e a terra de Santa Cruz*, São Paulo, Companhia das Letras, 1986, p. 37. O clássico de Sérgio Buarque de Holanda, *Visões do Paraíso*, São Paulo, Brasiliense, 1992, é pioneiro e brilhante nesta discussão.

ser católico e de ser apostólico. Os outros cristãos têm obrigação de crer a fé; o português tem a obrigação de a crer e mais, de a propagar”⁶.

Além de trabalharem incansavelmente na difusão da fé cristã, os jesuítas também foram uma grande âncora da saúde na colônia, atestada pela vastíssima documentação das correspondências que mantiveram com seus irmãos em Portugal e no Brasil. Alguns deles vinham de Portugal já formados nas artes médicas, mas a maioria acabou por atuar informalmente como físicos, sangradores e até cirurgiões, aprendendo, na prática, o ofício na colônia, como José de Anchieta, João Gonçalves ou Gregório Serrão. Outros, em meio a obras e cartas, onde comentavam sobre a natureza colonial, dedicaram várias páginas à descrição de ervas e plantas curativas, inaugurando os primeiros escritos sobre a farmacopéia brasileira⁷. Fernão Cardim, por exemplo, descreveu as propriedades curativas de várias espécies de plantas e árvores em seu livro *Tratados da terra e gente do Brasil*, escrito entre 1583 e 1601, quando desempenhou o cargo de secretário do padre visitador Cristóvão de Gouveia⁸.

A escassez de médicos leigos, formados por escolas de medicina na Europa, pelo menos até o século XVIII, fez dos jesuítas os responsáveis quase que exclusivos pela assistência médica no primeiro século de colonização do Brasil⁹. Ao longo do tempo, foram aperfeiçoando seus conhecimentos me-

⁶ Eduardo Hoonaert, *A Igreja no Brasil colônia, 1550-1800*, São Paulo, Brasiliense, 1982, p. 40.

⁷ Ver Fernão Cardim, Gabriel Soares de Souza e Magalhães Gandavo, por exemplo. Para a América espanhola, citemos o *Florilegio Medicinal*, de Juan de Esteyneffer (1664-1716), publicado no México em 1712, ou o *Libro de medicinas caseras para consuelo de los religiosos y alivio de los enfermos*, de Frei Blas de la Madre de Dios, publicado em 1611. Henrique Carneiro, *Filtros, mezinhas e triagas. As drogas no mundo moderno*, São Paulo, Xamã, 1994, p. 53.

⁸ Fernão Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil*, Lisboa, Comissão para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997.

⁹ Ao contrário de outras fases da história do Brasil, o estudo da medicina no período colonial caracterizou-se até pouco tempo por trabalhos tradicionais, empíricos, bastante úteis, porém carentes de interpretações teórico-metodológicas mais elaboradas. No entanto, alguns estudos recentemente publicados, como o de Márcia Moisés (*A ciência nos trópicos. A arte médica no Brasil do século XVIII*, São Paulo, Hucitec, 1997), Vera Regina Beltrão Marques (*Natureza em boiões. Medicinas e boticários no Brasil setecentista*, São Paulo, Editora da Unicamp, 1999) e Henrique Carneiro (*Amores e sonhos da flora. Afrodisíacos e alucinógenos na botânica e na farmácia*, São Paulo, Xamã, 2002), fizeram por articular a uma pesquisa empírica significativa, em arquivos nacionais e estrangeiros, discussões historiográficas e conceitos importantes para a compreensão deste universo, contribuindo para um avanço expressivo na construção do conhecimento histórico deste campo temático.

diante contatos com os profissionais leigos residentes na colônia, e ainda pela leitura de importantes obras de medicina, encontradas em muitas das bibliotecas de seus colégios. O do Maranhão, por exemplo, entre seus cerca de 5 mil volumes, vários tomos eram dedicados às artes médicas. Além das obras que vinham de Portugal, muitas foram adquiridas por compra ou doações¹⁰.

Boticas e medicamentos

As boticas dos colégios jesuítas foram inigualáveis, em qualquer parte onde estivessem. A do Colégio do Pará, segundo inventário datado de 1760, além de 20 tomos de medicina, continha recipientes diversos, estantes com mais de 400 remédios, fornalhas, alambiques, almofarizes de mármore, ferro e marfim, armários, frascos e potes de várias cores e tamanhos, balanças, pesos, medidas, tachos de cobre, de barro, bacias, prensas, tenazes, enfim, todo um aparato técnico para a confecção dos medicamentos. E com tudo isto era tida como uma botica modesta, comparativamente às existentes nos Colégios da Bahia e do Rio de Janeiro¹¹. Constituídas em geral por uma sala e uma oficina, tinham ainda uma espécie de loja, onde disponibilizavam seus produtos gratuitamente ao público, salvo para os que tinham melhores condições financeiras e os podiam comprar. Os recursos oriundos destas vendas eram reinvestidos na própria botica e na aquisição de novos medicamentos e livros¹². Em muitas cidades e vilas, eram as únicas disponíveis e, nas regiões onde existiam outras farmácias, proviam-nas, como foi o caso da botica do Colégio do Rio de Janeiro, que, em 1706, era dirigida por um Irmão, com grandes conhecimentos e estudos, e autor de inúmeras receitas¹³. Os inicianos possuíam também embarcações que transportavam remédios ao longo da costa, como foi, por exemplo, o caso do Colégio do Maranhão, que, através de sua “Botica do Mar”, abastecia o litoral em direção ao norte, até o Pará¹⁴.

¹⁰ Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil...*, op. cit., Tomo 4, p. 288.

¹¹ *Idem*, p. 190.

¹² Destaque da presença jesuítica no Império português foi a biblioteca do Colégio de Macau, para onde, em 1616, foram enviados sete mil livros, dos quais quinhentos ofertados pelo Papa. Cf. Ana Maria Amaro, *Introdução da medicina ocidental...*, op. cit., p. 10.

¹³ Licurgo Santos Filho, *História geral da medicina brasileira*, São Paulo, Hucitec/Edusp, 1991, p. 127.

¹⁴ Serafim Leite, *Serviços de saúde...*, op. cit., p.14.

Os medicamentos que supriam suas boticas vinham do Reino, mas a pouca frequência de chegada dos navios, as eventuais perdas por deterioração nas embarcações e nos portos e os altos preços obrigaram-nos, ao longo do tempo, a se voltarem para os recursos naturais oferecidos pela nova terra, ajudados pelos conhecimentos dos indígenas na decifração desta natureza estranha. Os jesuítas foram exímios observadores da fauna e da flora brasileira, identificando variadas espécies e cultivando as de efeitos curativos. Estudavam seu modo de ação para os inúmeros males que acometeram a população colonial, elaborando fórmulas e receitas, organizadas metodicamente com o nome do Colégio onde foram criadas, do autor, dos ingredientes utilizados, o peso e a finalidade¹⁵.

Levaram para a Europa o conhecimento das virtudes terapêuticas de raízes, caules, folhas, cascas, sumos, polens, minerais e óleos, a exemplo da **quina**, planta da região da Amazônia, que curava a malária e era conhecida como “mezinha dos padres da Companhia de Jesus”¹⁶. A quina chegou a Roma em 1649, levada pelas mãos de um Irmão, e, depois, difundiu-se rapidamente pelo continente; também era chamada de *água febrífuga*, cuja fórmula básica foi feita no Colégio de Santo Antão, em Lisboa¹⁷. De igual modo, a **ipecacuanha**, erva excelente para problemas respiratórios, teve suas virtudes divulgadas na Europa em 1625, através de um manuscrito de autoria do Pe. Fernão Cardim, onde estavam arroladas várias receitas do Irmão Manuel Tristão, enfermeiro do Colégio da Bahia¹⁸. O Pe. Manoel da Nóbrega, por exemplo, remeteu a Portugal algumas conservas de efeito terapêutico, como suco de ananás verde, para “pedras e areias na urina”, recomendando que viessem ao Brasil os que deste mal sofressem. E, sobre o tabaco, escreveu que “nesta terra do Brasil todas as comidas são difíceis de desgastar, mas Deus remediou isto com uma erva cujo fumo muito ajuda a digestão e outros males corporais e a purgar a fleuma do estômago”¹⁹.

¹⁵ *Idem*, p.12.

¹⁶ “Ocorre, portanto, desde a descoberta dos novos mundos, uma fusão do saber botânico-médico, que será composto tanto da tradição clássica árabe como das novas plantas e saberes, junto à manutenção de superstições cristãs”. Henrique Carneiro, *Filtros, mezinhas e triagas...*, *op. cit.*, p. 66.

¹⁷ Lourival Ribeiro, *Medicina no Brasil colonial*, Rio de Janeiro, Editorial Sul Americana, 1971, p. 156.

¹⁸ Licurgo Santos Filho, *História geral da medicina...*, *op. cit.*, p. 125.

¹⁹ Serafim Leite, “Os jesuítas no Brasil e a medicina”. Separata da *Revista Petrus Nominus*, Lisboa, 1936, p. 13.

Das fórmulas medicinais dos inicianos, com uso privativo em suas farmácias, citemos uma compilação, datada de 1766, e de autor até então desconhecido, intitulada *Coleção de várias receitas e segredos particulares das principais boticas da nossa companhia de Portugal, da Índia, de Macau e do Brasil, compostas e experimentadas pelos melhores médicos e boticários mais célebres que têm havido nessas partes. Aumentada com alguns índices e notícias muito curiosas e necessárias para a boa direção e acerto contra as enfermidades*. Este extenso receituário, de mais de duzentos títulos, organizado em ordem alfabética, trazia em cada fórmula o nome do colégio onde foi preparada, a dose dos ingredientes, a indicação e o modo de administrá-la. Dos Colégios no Brasil, por exemplo, constavam trinta e oito receitas da Bahia²⁰, sete do Recife e duas do Rio de Janeiro, a partir das quais é possível levantar alguns dos problemas que assolavam a população colonial: doenças de pele; males venéreos, como a sífilis; verminoses variadas; problemas oculares; anemia; febres; chagas; tumores; dores de cabeça; paralisias; cólicas; males do estômago, do coração e dos ossos; mordidas de cobra; insônias, sem contar, é claro, as enfermidades epidêmicas, como varíola e outras²¹. Destacou-se desta *Coleção de receitas* a célebre *Triaga Brasilica*, composta de dezenas de ervas, plantas, raízes, gomas, sais minerais e óleos, para cura de envenenamentos, ocasionados tanto por ervas e plantas como por animais, além de outras tantas enfermidades: quaisquer dores internas, verminoses intestinais, febres, doenças epidêmicas, doenças “de mulheres”, etc. De largo consumo no Brasil e na Europa, vendida a preços altos, foi elaborada no Colégio da Bahia e gerou recursos consideráveis para a instituição²².

As boticas dos outros colégios jesuítas também integraram esta *Coleção*, a exemplo dos Colégios de Lisboa, Évora, Macau e Goa²³. Além das

²⁰ A chamada “pedra infernal” (nitrato de prata) era produto do Colégio da Bahia, cuja virtude era “exterminar verrugas, consumir carnes supérfluas e calozas nas úlceras e para outros semelhantes efeitos”. “Coleção de receitas...”, *op. cit.*, pp. 269-270, Serafim Leite, *Serviços de saúde...*, *op. cit.*, p. 12.

²¹ *Idem*, p. 13.

²² Lourival Ribeiro, *Medicina no Brasil colonial*, *op. cit.*, pp. 178-187.

²³ O Colégio de São Paulo de Goa preparava em sua botica as “pedras cordeares”, ou “pedras de Goa”, cuja fórmula era de autoria do químico florentino Gaspar Antônio, trazendo rendimentos consideráveis para o Colégio por conta de sua exportação para a Europa e para o Oriente. Começaram a ser falsificadas e comercializadas por alguns boticários de Goa, levando a que o Provincial local da Companhia de Jesus reivindicasse o monopólio de seu preparo ao Colégio, em 1691, *apud* Serafim Leite, *Serviços de saúde...*, *op. cit.*, p. 11.

suas próprias, os jesuítas incluíram ainda as elaboradas por médicos afamados, como Curvo Semedo, Jacob de Castro Sarmiento, Luis Gomes Ferreira, João Cardoso de Miranda e outros²⁴.

Foram obra dos jesuítas a fundação e a reforma de algumas instituições de saúde no Brasil. Em março de 1582, a armada do almirante espanhol Diogo Flores Baldez, que rumava para o Estreito de Magalhães, aportava no Rio de Janeiro com uma tripulação doentíssima: escorbuto, febres, beribéri, dentre outras, fazendo o Pe. Anchieta mobilizar-se para tratar dos enfermos num barracão toscamente construído na orla do Morro do Castelo. Embora já existisse, desde os inícios da história da cidade, a Santa Casa da Misericórdia foi ampliada e reformada a partir deste episódio²⁵. Já a Santa Casa de São Luís do Maranhão foi criada na última metade do século XVII, considerada pelo Pe. Antônio Vieira como fundamental, tendo que funcionar “perto da casa dos Missionários, aonde se curem todos os enfermos da Aldeia com toda a caridade a quem não tem suas casas por extrema miséria, e pouca caridade dos seus, a qual os nossos procurarão suprir”²⁶.

Desafios

A nova colônia americana assistiu à chegada impiedosa de inúmeras moléstias trazidas pelos portugueses e, ainda, pelos escravos vindos de África, precariamente atochados nos tumbeiros desde finais do século XVI. Assolada por surtos epidêmicos de doenças como malária, sarampo, febre amarela, disenteria e varíola, contou com a enorme habilidade dos jesuítas na observação dos sintomas, na evolução destas moléstias e na aplicação da terapêutica possível. Todos os aldeamentos indígenas na colônia foram alvo da ação jesuítica na área da medicina e da saúde. Em 1574, o Provincial Inácio de Tolosa determinou que em todas as aldeias fossem criadas enfermarias e casas isoladas, que funcionassem como hospital²⁷. O trabalho era intenso: além das epidemias e outras doenças, cuidavam também de índios feridos pelas guerras, de parturientes, drenavam pântanos para melhorarem as condições dos aldeamentos e reforçavam a alimentação dos doentes.

²⁴ Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil...*, op. cit., Tomo II, pp. 583-584.

²⁵ Lourival Ribeiro, *Medicina no Brasil colonial*, op. cit., p. 44.

²⁶ *Idem*, p. 51.

²⁷ Licurgo Santos Filho, *História geral da medicina...*, op. cit., p. 126.

Exemplo notável foi a passagem do Pe. José de Anchieta pelo Brasil, cuja correspondência deixou relatos impressionantes. Tendo como estímulo e exemplo o Pe. Francisco Xavier e sua atuação no Oriente, chegou à Bahia em 1553, aos 20 anos, com o segundo Governador-Geral do Brasil, Duarte da Costa, e neste mesmo ano ajudou na fundação da vila de Piratininga, criando um colégio de nome “São Paulo”, em homenagem ao apóstolo. Escrevendo ao próprio Inácio de Loyola, narrou as primeiras dificuldades desta empreitada: “E aqui estamos às vezes mais de 20 dos nossos numa barraquinha de caniço e barro, coberta de palha (...). Isto é a escola, a enfermaria, o dormitório, refeitório, cozinha, dispensa”²⁸. Anchieta aprendeu tupi, escreveu uma gramática, autos teatrais e criou uma “língua geral”, no intuito de facilitar a catequese²⁹. Escreveu, em 1554, a alguns irmãos enfermos de Coimbra, que, em Piratininga, servia de médico e barbeiro, curando e sangrando muitos índios “dos quais viveram alguns de que se não esperava vida, por serem mortos muitos daquelas enfermidades”³⁰. Narrou em suas cartas o quão fundamentais eram os jesuítas para os gentios, não só no socorro “com as medicinas”, mas também no fornecimento de alimentos, no quadro de escassez que grassava na colônia neste momento. E mesmo para os portugueses, que “parecem que não sabem viver sem nós outros, assim em suas enfermidades próprias, como de seus escravos”. Nos soldados da Companhia de Jesus, bradava Anchieta, tinham “médicos, boticários e enfermeiros; nossa casa é a botica de todos, poucos momentos está quieta a campainha da portaria, uns indo, outros vindo, a pedir diversas coisas”³¹.

Descreveu com detalhes dezenas de animais, a exemplo das diversas espécies de cobras venenosas: sua aparência, como atacam, onde se escondem, de que modo o veneno atua e ainda o tempo de sobrevivência das vítimas. Uma delas era chamada de boicininga, que significa “cobra que tine”, “paralizando com seu veneno a vista, o ouvido, o andar e todas as ações do corpo (...), até que no fim de vinte e quatro horas se expira”. Em meio a esta multidão de répteis, porém, desabafou que “só o Senhor nos conserva incó-

²⁸ Lopes Rodrigues, *Anchieta e a medicina*, Belo Horizonte, Apollo, 1934, p. 38.

²⁹ Alfredo Bosi, *Dialética da colonização*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

³⁰ Carta aos Irmãos enfermos em Coimbra. De São Vicente, 1554, José de Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1988, pp. 141-142.

³¹ *Idem*, pp. 239/40.

lumes, e confiamos mais nele do que em contra-veneno ou poder algum humano; só descansamos em Jesus, Senhor nosso, que é o único que pode fazer com que nenhum mal soframos, andando assim por cima de serpentes”³².

Um dos grandes desafios enfrentados pelos jesuítas na prática de suas artes médicas foram as epidemias de varíola que devastaram a população ameríndia³³. Tendo atravessado os mares, trazida pelos colonizadores, iniciou seu flagelo no Brasil em 1559, na costa, para depois se alastrar para o norte. No Espírito Santo, por exemplo, dizimou, neste ano, cerca de seiscentos escravos indígenas, e chegou ao auge em 1662, quando faleceram mais de 30 mil dos que estavam submetidos aos portugueses no litoral. Também foram incontáveis os que pereceram no sertão, fugidos das terríveis condições das regiões litorâneas, à medida que a epidemia se alastrava. Nas aldeias jesuíticas, as perdas foram de um terço e, nos engenhos, a mortalidade foi igualmente devastadora³⁴. O padre Leonardo do Vale, numa cruzada inglória contra a doença, acudiu a muitos, narrando as mazelas vividas dramaticamente pelas comunidades ameríndias³⁵. A observação arguta deste cotidiano devastador fê-los perceber variações da doença: algumas brandas, de tratamento mais fácil, outras mais virulentas e mortíferas³⁶.

Anchieta tratou-os com sangrias e com extirpação das partes do corpo já “corrompidas” pela doença, procedimentos, por sinal, considerados como os mais eficazes pelo médico Simão Pinheiro Mourão, quando, em 1694, escreveu o *Tratado único das bexigas e sarampo*, na época o trabalho mais completo e original sobre o assunto. A chamada *água cordial bezoártica contra bexigas e sarampo*, cuja fórmula era de autoria do famoso Curvo Semedo, também foi recurso utilizado no tratamento da varíola, constando das boticas jesuíticas e citada na *Coleção de várias receitas*, como esta: flores de papoulas vermelhas, esquibas (excremento) recentes de cavalo, bezoártico do Curvo, arroze de bagas de sabugo e água comum. É interessante observar que os

³² Carta ao Padre Geraldo, de São Vicente, no último maio de 1560, *idem*, pp. 152-154.

³³ Mary Lindemann, *Medicina e sociedade no início da Europa Moderna*, Lisboa, Replicação, 2002, p. 49.

³⁴ Stuart Schwartz, *Segredos internos. Engenhos e escravos no Brasil colonial*, São Paulo, Companhia das Letras, 1988, pp. 51-52.

³⁵ *Idem*, p. 53.

³⁶ Carta ao Provincial Geral Diogo Lainez, de São Vicente, datada de janeiro de 1563, José de Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos...*, *op. cit.*, pp. 205-208.

jesuítas, como já foi dito, faziam uso de terapêuticas diversas, fundamentados em tratados médicos importantes³⁷.

Também implacável foi a epidemia de sarampo, que, em 1563, agravou a crise demográfica indígena, afetando a economia colonial, nestes tempos dependente da mão-de-obra escravizada nos engenhos açucareiros e da produção de gêneros alimentícios nativos³⁸.

Medicina indígena, pajés demônios

Os olhos dos jesuítas estavam diante de uma sociedade extremamente diferente, cujos costumes, crenças e ritos por vezes os assombraram, exigindo persistência e determinação ao lidar com o canibalismo, com a poligamia, com o incesto, com suas crenças e com a organização, para eles caótica, do modo de vida do indígena. O Novo Mundo povoava-se de ameríndios tidos como bárbaros, ferozes, quase animais, intensificando-se os propósitos jesuíticos de resgatá-los desta espúria condição³⁹. Nóbrega, indignado, via-os como “cães em se comerem e matarem, e são porcos nos vícios e na maneira de se tratarem”, “gente de condição mais de feras bravas que de gente racional”⁴⁰. Para Anchieta, inclusive, a própria integração e convivência tranqüila do indígena com a natureza colonial, para ele avassaladora, perigosa e misteriosa, era claro indício de animalidade⁴¹.

A percepção brutalizada e animalesca dos indígenas, associou-se a visão demoníaca, freqüentemente referida nas considerações dos inacianos ao lidar com este outro mundo. Sua habitação era a própria visão do Inferno, como narrou Fernão Cardim, diante de tal ajuntamento de índios: “E como a gente é muita, costuma ter fogo de dia e noite, verão e inverno, porque o fogo é a sua roupa e eles são mui coitados sem fogo. Parece a casa um inferno ou labirinto, uns cantam outros choram, outros comem, outros fazem farinhas e vinhos, etc. e toda casa arde em fogos”⁴². A incompreensão daquele espa-

³⁷ Lourival Ribeiro, *Medicina no Brasil colonial*, op. cit., p. 148.

³⁸ Stuart Schwartz, *Segredos internos...*, op. cit., p. 52.

³⁹ Ronald Raminelli, *Imagens da colonização. A representação do índio, de Caminha a Vieira*. São Paulo, Edusp/Jorge Zahar, 1996, p. 54.

⁴⁰ Laura de Mello e Souza, *O diabo e a terra...*, op. cit., p. 64.

⁴¹ Luiz Felipe Baeta Neves, *O combate dos soldados de Cristo...*, op. cit., p. 54.

⁴² Fernão Cardim, *Tratados da terra e...*, op. cit., p. 172.

ço, gigantesco, cuja entrada eram “buracos”, superpovoado, sem distinções de nenhuma espécie, sem ordem, sem hierarquias, sem divisões de tarefas aparentes, sem normas familiares, causou enorme espanto e a certeza de que os aldeamentos, estes sim, território cristão, corrigiriam estas distorções⁴³. A ausência de leis, o desconhecimento total de regras, levando-os à exposição de seu corpo nu e à ingestão de outros, eram os responsáveis pelo sentimento de repúdio ao ameríndio⁴⁴.

Outro exemplo do quão intenso foi o olhar demonológico dos jesuítas e de muitos cronistas leigos e eclesiásticos sobre o Brasil está na percepção das práticas mágico-religiosas dos gentios, cujos principais protagonistas eram os pajés, agentes do espaço do sagrado, mas também agentes satânicos. A possibilidade de compreensão daqueles fenômenos estava na associação com os rituais sabáticos da feitiçaria européia, assimilando estes cronistas o que viam através de seus códigos culturais⁴⁵. Assim, a empreitada hercúlea da catequese esbarrou ainda na ação nefasta do xamanismo tupi, destacando-se, no conjunto destes ritos, variados procedimentos curativos, vistos pelos inácianos como ilegítimos e demonizados. Este conflito se deu tanto no plano espiritual, como nas artes terapêuticas, pois os pajés eram considerados feiticeiros e embusteiros⁴⁶. Citemos Nóbrega novamente, quando, em 1549, na *Informação da terra do Brasil*, descreve um ritual das chamadas “santidades” ameríndias⁴⁷:

Acabando de falar ao feiticeiro, começam a tremer, principalmente as mulheres, com grandes tremores em seu corpo, que parecem demoninhadas (como de certo o são), deitando-se em terra, e escumando pelas bocas, e nisto lhes

⁴³ Luiz Felipe Baeta Neves, *O combate dos soldados de Cristo...*, op. cit., pp. 124-127.

⁴⁴ *Idem*, p. 54.

⁴⁵ “A grande vedete da demonologia americana é o diabo: é ele que torna a natureza selvagem e indomável, é ele que confere os atributos da estranheza e da indecifrábilidade aos hábitos cotidianos dos ameríndios, é ele sobretudo que faz das práticas religiosas dos autóctones idolatrias terríveis e ameaçadoras, legitimando assim a extirpação pela força”. Laura de Mello e Souza, *Inferno atlântico. Demonologia e colonização – Séculos XVI-XVIII*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993, p. 29.

⁴⁶ Maxime Hubert, *Índios e jesuítas no tempo das missões*, São Paulo, Companhia das Letras, 1967.

⁴⁷ Estes rituais, envolvendo as práticas mágico-religiosas indígenas, imiscuídas ao cristianismo, foi brilhantemente estudada por Ronaldo Vainfas, em *A heresia dos índios. Catolicismo e rebeldia no Brasil colonial*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

persuade o feiticeiro que então lhes entra a santidade; e a quem isto não faz tem-lho a mal. Depois lhe oferecem muitas coisas e em as enfermidades dos gentios usam também estes feiticeiros de muitos enganos e feitiçarias⁴⁸.

Detentores do saber nas comunidades indígenas, o pajé era alvo importante do projeto missionário. Era preciso desmascará-lo, mostrá-lo nos seus embustes e falsidades, apresentá-lo como instrumento demoníaco e também convertê-lo, abrindo espaço para o verdadeiro e único saber, que era do Deus cristão⁴⁹. Suas práticas curativas foram duramente detratadas pelo próprio Anchieta:

Já não ousas agora servir-te de teus artificios, perverso feiticeiro, entre povos que seguem a doutrina de Cristo: já não podes com mãos mentirosas esfregar membros doentes, nem com lábios imundos chupar as partes do corpo que os frios terríveis enregelaram, nem as vísceras que ardem de febre, nem as lentas podragas nem os baços inchados. Já não enganarás com tuas artes os pobres enfermos que muito creram, coitados! Nas mentiras do Inferno⁵⁰.

Cura e catequese

Os inacianos viam-se como médicos espirituais e corporais, expressando, assim, uma inequívoca correlação entre a cura dos corpos e a perspectiva da conversão à fé cristã⁵¹. O discurso jesuítico, presente nas várias correspondências, vai mostrar que o último suspiro de muitos foi precedido de batismos, como narrou Anchieta sobre o caso de uma índia, que, já sem esperanças de sobrevivência, pediu o sacramento e rapidamente recuperou a saúde. Anchieta dizia ainda que o batismo “apagava a malignidade das doenças”, causando verdadeiros milagres de cura⁵².

⁴⁸ Laura de Mello e Souza, *Inferno atlântico...*, *op. cit.*, p. 28.

⁴⁹ “Lúcifer é o pagé. Este é o locutor infernal que é preciso calar”. Luiz Felipe Baeta Neves, *O combate dos soldados de Cristo...*, *op. cit.*, p. 93.

⁵⁰ *Idem*, p. 94.

⁵¹ José de Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos...*, *op. cit.*, p. 185. Nos relatos de sua ação missionária no Oriente, o Pe. Francisco de Souza explicitou que o número de convertidos seria bem mais elevado, se em cada uma das missões estivesse um bom cirurgião, impregnado “de fé, de fé cristã e de fé na cura que ainda hoje tantos prodígios obra em certas doenças”. Pe. Francisco de Souza, *Oriente conquistado a Jesus Cristo*, Lisboa, 1613; Ana Maria Amaro, *Introdução da medicina ocidental...*, *op. cit.*, pp. 94-95.

⁵² José de Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos...*, *op. cit.*, p. 180.

Em uma de suas cartas, escrita em 1554, contou que um índio fora gravemente ferido no braço. O sangue escorria-lhe das veias sem parar, não havendo meio de estancá-lo e “depois de breve expiração de seus pecados recebeu o santíssimo corpo de Cristo, e repentinamente o moribundo reviveu”⁵³. A intenção era mostrar a recompensa da cura pela conversão ao cristianismo, como afirmou em outra carta, de 1556, explicitando claramente esta correlação: “fazemos isto na intenção de preparar o recebimento do batismo (...), por igual motivo é que desejamos assistir as parturientes a fim de batizar mãe e filho. Assim acontece atender-se a salvação do corpo e da alma”⁵⁴.

De importância fundamental para a catequese, o batismo era o signo por excelência de um novo e verdadeiro nascimento, que não é físico, mas espiritual. Signo da aceitação da conversão e de sucesso, para os missionários, de seu papel de evangelizadores⁵⁵. Nas cartas jesuíticas datadas dos anos difíceis em que a varíola devastou parte da população indígena, para além do trabalho insano de percorrer léguas e léguas acudindo os doentes, a angústia dos padres voltava-se para o grande número dos que faleciam sem os sacramentos.

A associação entre vida, saúde, conversão e salvação pressupunha o oposto: a recusa da fé cristã poderia levar à morte. Escrevendo em 1560, de Piratininga, ao Provincial Geral da Companhia, contou Anchieta que, chegando a uma aldeia para acudir a um índio gravemente enfermo, “para lhe dar algum remédio, *principalmente para sua alma*” (grifos meus), persuadiu-o a que aceitasse o batismo e abandonasse seus “costumes passados”. Rebelde, indignado, negou veementemente a oferta por várias vezes, até que, já bem agravado seu estado, “e permanecendo na mesma obstinação, no outro dia, morreu”⁵⁶.

A cura trazida pelo jesuíta, intermediada pelo batismo, era a legítima, proporcionada, em última instância, pelo Deus cristão⁵⁷. A efervescência dos

⁵³ Breve narração das cousas relativas aos Colégios e Residências da Companhia nesta Província Brasília, no ano de 1584, *idem*, p. 217.

⁵⁴ *Idem*, p. 147.

⁵⁵ Luiz Felipe Baeta Neves, *O combate dos soldados de Cristo...*, *op. cit.*, p. 73.

⁵⁶ José de Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos...*, *op. cit.*, pp. 155-156.

⁵⁷ “Uma doença incurável desaparece com o batismo, a comunhão que opera prodígios, ou até o fato de o jesuíta colocar as mãos sobre o índio; de outra parte, são os objetos de devoção”. Maxime Hubert, *op. cit.*, p. 149.

costumes ameríndios, no discurso dos padres da Companhia, poderia ser punida com o castigo divino, por doenças e morte, “porque os que se apartaram de nós outros não fazem senão morrer aqui e acolá, por suas malditas habitações, sem confissão, uns amancebados; outros levados e comidos por seus contrários”⁵⁸.

Em síntese, a vastíssima documentação jesuítica descreveu lendas indígenas, línguas, tipo físico dos nativos, seus costumes e modo de vida, religião, embates entre tribos. Ao longo do tempo e dos caminhos que trilham para o estabelecimento e a consolidação da Companhia de Jesus no Brasil, fundando colégios e seminários, e tentando cumprir com o máximo êxito sua missão evangelizadora e educacional, perceberam o Brasil com os olhos de naturalistas, botânicos, zoólogos, geólogos, etnógrafos, médicos, sangradores, cirurgiões. Os padres da Companhia de Jesus cumpriram com precisão seu modelo de atuação, constituindo-se um de seus princípios básicos a capacidade de serem “polivalentes”, realizando um pouco de tudo para o bem correr de sua divina missão⁵⁹.

Para além do que vinha da farmacopéia européia e oriental, a natureza brutalizada e violenta do mundo colonial ofereceu aos inacianos ervas, raízes, enfim, os remédios para as curas, auxiliados pelos conhecimentos dos nativos, graças a quem os jesuítas adensaram suas fórmulas e práticas curativas. No entanto, foram estas mesmas práticas que serviram de apoio ao projeto catequético inaciano, projeto aculturador, que, em nome da fé cristã, marcou presença decisiva no mundo colonial.

⁵⁸ José de Anchieta, *Cartas, informações, fragmentos...*, *op. cit.*, p. 189.

⁵⁹ Célia Cristina Tavares da Silva, *Jesuítas e Inquisidores em Goa*, Lisboa, Roma Editora, 2004, p. 97.